



## ENTREVISTA

FOTO: FRANCISCO DANDÃO



**Josimar  
Ferreira fala  
sobre a Ufac  
no Juruá**

Página 5

**Ufac sediará  
encontro da  
SBPC em 2014**

Página 3

# Formação de professores para a Zona Rural

Página 6 e 7

FOTO: MAGDA TOMAZ



**Tese analisa experiência  
de educação com seringueiros**

Página 12

FOTO: ACERVO CTA



**Entidades  
assinam  
convênio  
para Alfa III**

Página 3

**Projeto de  
Restauração  
Ciliar Só-Rio  
Acre**

Página 9

**Professores indígenas  
vão à Universidade**

Página 11

FOTO: FRANCISCO DANDÃO



## Refugiados ambientais: os haitianos antes e depois do terremoto

\*ALEJANDRO FONSECA DUARTE



**A**s catástrofes naturais são uma complexa associação entre os habitantes de uma região e eventos,

tais como, terremotos, maremotos, ondas gigantes no mar, erupções vulcânicas, furacões, tornados e, por outro lado, intensas chuvas, alagações, avalanches, queimadas, epidemias, poluição e contaminações.

Em uns casos a sociedade está exposta à fúria da natureza sem que a sua ação prévia tenha desenhado o desencadeamento da catástrofe em longo prazo; em outros, como é o caso dos eventos extremos de chuvas, queimadas e acidentes nucleares,

existe uma grande parcela de contribuição social devido ao descontrole das atividades tecnológicas, exploração dos recursos naturais, e desatenção governamental ao equilíbrio entre comunidades e seu entorno.

Quase sempre, os problemas vindos de uma catástrofe de grande magnitude ou do seu presságio (como as mudanças climáticas), adquirem particularidades globais, embora possam ser locais ou regionais na sua ocorrência. Na atualidade isso se exemplifica, com o terremoto do Haiti e, o terremoto e tsunami do Japão.

O Haiti está tão "próximo" quanto o Japão. O acesso é a BR 317.

O Haiti ocupa a parte ocidental de *La Española*, descoberta por Cristóvão Colombo no final do século XV. Seu povo foi o primeiro do Novo Mundo a derrotar o regime da escravidão. Como punição, a França e os Estados Unidos, entre outros países, es-

tabeleceram um bloqueio comercial sobre o Haiti durante 60 anos do século XIX. Essa situação desorganizou o avanço econômico, social, cultural, tecnológico, científico, e demais, dessa nação caribenha, fazendo fácil a sua exploração neocolonial pelo capitalismo internacional através de governantes e oligarcas haitianos corruptos. Mais de 200 anos de massacre, o que fez do Haiti o país da pobreza mais miserável antes do terremoto de 2010, e o país alvo da solidariedade hipócrita daqueles que o flagelaram e o mergulharam no caos. Existe um fundo norte-americano para ajudar o Haiti.

O Brasil não está entre os flagelantes. Filhos do Brasil morreram durante o terremoto em missão solidária. Centenas de haitianos migraram ao Brasil entrando pela BR 317, outros muitos estão em Iñapari (Peru), rogando entrar, pois não existe na América do Sul nação mais próspera que o

Brasil, mesmo tendo extrema pobreza.

Foi criado um fundo das Nações Unidas de 1,5 bilhões de dólares para mitigar o desastre haitiano. Paralelamente à ajuda humanitária das Nações Unidas, se instalou no Haiti uma epidemia de cólera e mais de 2 milhões de crianças haitianas estão ameaçadas por esse mal.

O Haiti constitui um exemplo de luta e heroísmo. Sua história junta a África com a Europa e a América. Seria interessante conhecer essa história, sua geografia, seu sofrimento e ao mesmo tempo em que oferecemos a solidariedade humana, estimular outros países e organizações a serem eficientes na solução do drama haitiano, que na continuação da linha do tempo está produzindo refugiados ambientais.

\*Coordenador do Grupo de Estudos e Serviços Ambientais da Universidade Federal do Acre - Ufac -.

## Quem tem medo de poesia?

\*MAYSA CRISTINA DOURADO



**A** poesia está morta! Os inimigos da poesia têm gritado por séculos e ainda o fazem. Estética,

humor, erotismo e todas as outras manifestações de uma imaginação livre são suspeitos e devem ser censuradas. No entanto, e apesar de tudo, muitos poemas continuam sendo escritos. Mas, o que os poetas realmente querem? "Eles querem falar a respeito de coisas que não podem ser ditas com palavras", costumava me dizer minha orientadora. Eu concordo com ela. O drama de ser incapaz de dizer o que sentimos é o assunto de muitos poemas líricos.

No centro da poesia lírica, como a poeta

norte-americana Jane Kenyon sabe muito bem, a linguagem nos falha. Os poemas de Kenyon são extremamente curtos, ocasionais, mas suficientemente longos para incluir os sons, as cores, os cheiros, os gostos, tudo junto em um momento singular. Nas poucas linhas de seus poemas, amores, medos e paixões encontram espaço suficiente. Neles, observamos que o tempo, a eternidade, a história, e a consciência se encontram, e mesmo assim, o poema deixa um traço de uma vida individual. Kenyon é uma mulher profundamente religiosa, que fala ao Senhor, não a respeito da alma que é imortal, mas da beleza do que passa e será esquecido. Somente nos poemas mais requintados, como os que ela escreve, temos o registro duradouro de nossa humanidade tão despida.

Em geral, ler Kenyon é uma experiência religiosa. Imaginação e amor, a mistura de

corpo e de espírito, da carne e da alma, do sagrado e do profano, tudo faz parte da sua visão poética. Tudo está profeticamente e comicamente junto. Estes são todos os elementos de uma grande poesia. Mas, ainda penso que a prova do poema lírico está na sua voz. De alguma forma o poeta nos faz crer na sua voz. E digo de alguma forma, porque é difícil precisar a respeito da estratégia usada nos poemas que nos dá a sensação de ouvir uma voz. Tudo vem das emoções mais profundas e das mais intensas visões.

Lembro-me de ter ficado incomodada até mesmo na segunda e terceira leitura dos poemas da poeta alemã Ingeborg Bachmann. Bachmann leva em consideração a profunda dificuldade moral e filosófica de ser poeta em uma época da história marcada por destruições. Para ela, o mundo é um lugar estranho e mais estranho ainda é o

fato de estarmos vivos. Após todos os pesadelos - a inocência. A poesia de Bachmann é uma poesia de afastamento e nostalgia. Ela é a poeta da longa e escura noite da história e o ser humano acordado sozinho. Num século marcado por pessoas deslocadas, sua poesia, apropriadamente, é cheia de viagens e partidas. Quem, no futuro, desejar experimentar todo o senso de exílio que impregna a nossa era, deve ler Bachmann.

Eu também relutava em ler poesia. Até encontrar esses e muitos outros poetas. Então, entendi que se a poesia é imponderavelmente necessária à literatura, é de se considerar também que, para a vida, ela é simplesmente imprescindível.

\*Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista, Unesp. Professora do Curso de Letras-Inglês, da Universidade Federal do Acre - Ufac -.

## O que significa a frase "Eu sei ler"?

\*SÉRGIO BRAZIL JÚNIOR



**D**everia significar que o indivíduo compreendeu, de fato, aquilo que aquele punhado de palavras

ou caracteres quer efetivamente dizer ou, pelo menos, "ir no rumo", como dizem por aqui no meu querido Acre.

Às vezes a compreensão de um texto demanda tempo, paciência e muita reflexão. Não é do dia para a noite que se aprende e apreende algo. É necessário que as infor-

mações "cristalizem" em nossa mente, e isso só ocorre com muito trabalho: dedicação e treino. Compreender algo é "ver o que está por trás da cortina" e não simplesmente o óbvio. É ter respostas claras e objetivas, exemplos e contraexemplos, para explicar quando indagado sobre o assunto devidamente compreendido.

Acredito que o hábito da leitura diária, ao menos uma "horinha" que seja - abominado por muitos - é uma atitude bastante saudável e eficaz para iniciarmos o processo efetivo de compreensão. Ler sem compreender o que se está lendo é, a meu ver, como comer sem sentir o sabor dos alimentos. É cheirar uma flor e não sentir seu per-

fume. É fazer amor sem sentir prazer.

Sou professor de matemática há cerca de 20 anos, e sei que para entender um pouco dessa disciplina (não só essa, mas qualquer outra ciência) é necessário não só o simples fato de saber ler, mas é fundamental e imprescindível também ter a compreensão e sabe interpretar o que se está lendo. A partir daí tudo fica mais agradável e fácil. Sou testemunha ocular de muitos casos em que a interpretação é o que realmente impede o aluno de solucionar determinados problemas. Frases como as seguintes são bastante comuns: "Depois que o senhor interpretou pra nós ficou fácil, agora é só colocar na fórmula e fazer as continhas"; "Professor, eu sei resolver, mas não sei o que o problema está pedindo..." E por aí vai.

A aversão que alguns alunos têm de ler é assustadora. Não é raro falarmos de um determinado assunto em uma aula e, na aula seguinte, poucos lembrarem, muitos nem sequer sabem do que se trata, pois não tiveram a preocupação de ler o assunto que foi motivo da aula anterior. Na realidade, isto é a regra e não a exceção. Às vezes, vejo alunos com vários livros sob os braços, "para cima e para baixo", e brinco: "Não se aprende por

osmose. O máximo que irão conseguir é estragar o livro com o suor das axilas".

Felizmente (ou infelizmente, para muitos que conheço), ainda não inventaram uma pílula mágica do conhecimento. Imagine a seguinte situação, no mínimo absurda: um aluno sabe que a prova de Cálculo é na quinta-feira que vem.

Aí, na quarta-feira anterior, este aluno vai a uma farmácia e pede ao farmacêutico - Senhor, por favor, me dê uma pílula que ensine como derivar funções e outra que ensine como integrar. Ele toma a pílula e no dia da prova ele tira nota máxima. Ora, minha gente, isso, graças ao meu bom Deus, não é possível.

Não existe segredo para aprender algo. Basta ter o desejo de aprender e se dedicar. Vocês sabem por que ninguém ganha de uma criança no vídeo game (*play station*)? Não? Eu sei. É por que ela se dedica e treina todo dia. Logo, se você quer realmente aprender algo, seja matemática, seja química ou uma língua estrangeira, não espere que o conhecimento caia do céu. Faça sua parte, dedique-se e treine bastante!

\*Doutor em Matemática pela UnB e professor do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCET) da Ufac (sbrazil@bol.com.br)

## Ufac, UAP e Unamad assinam convênio para ações do Alfa III

MAGDA TOMAZ

**R**eitores e representantes das universidades Federal do Acre (Ufac), Nacional Amazonica, de Madre de Díos (Unamad), do Peru, e Amazonica de Pando (UAP), da Bolívia, assinaram, na primeira quinzena de agosto, convênio que garante o início do Projeto América Latina/Formação Acadêmica (Alfa III - MAP) nos três países. O investimento do projeto supera a casa de 1,5 milhão de euros.

O Projeto Alfa é um programa de cooperação entre Instituições de Ensino Superior da União Europeia e da América Latina. A primeira fase do programa aconteceu em 1994 e envolveu mais de 1.000 instituições e 846 miniprojetos. Já a segunda fase (2000-2006) contou com 770 instituições e 225 projetos. A terceira fase do Alfa III tem previsão de término para 2013.

Além das universidades da Bolívia e do Peru, o projeto conta com o apoio de universidades da Espanha, Itália e Costa Rica. A idéia é gerar processos de integração intercultural para o ensino superior nas regiões do projeto (Acre, Bolívia e Peru) e implantar uma política que possibilite aos estudantes menos favorecidos iniciarem e concluírem o ensino superior, criando parcerias entre universidades da União Eu-

ropeia e da América Latina.

As ações do projeto irão influenciar nas áreas de integração universitária, mobilização de estudantes e docentes, financiamentos, formação e capacitação permanente e inclusão de setores menos favorecidos.

**Integração regional** - O professor Francisco Carlos da Silveira Cavalcanti, o Carlitinho, é o coordenador do projeto na Ufac. Para ele, o Alfa III vem para consolidar a integração entre os países. "Esse projeto vai priorizar o ingresso dos menos favorecidos na região MAP. Os filhos de indígenas, extrativistas, ribeirinhos, entre outras comunidades. Esses jovens terão acesso ao ensino superior nos três países que compõem o programa: Brasil, Bolívia e Peru", afirma.

Para o reitor da Universidad Nacional Amazonica de Madre de Díos (Unamad), Luiz Gruzman Cabrera, o Alfa III consolida a política de parcerias e desenvolvimento entre países latinos. "Esse projeto vem para favorecer nossos professores no fortalecimento da educação no Peru. Oferecer oportunidades de inclusão é descobrir novos talentos, novos professores e doutores, novas pessoas que possam fazer história", afirma.

Já para a coordenadora do Alfa III da Universidad Amazonica de Pando (UAP), Magdalena Benitez, o projeto proporciona a universalização do conhecimento. "O Alfa III vem para nivelar os conhecimentos de estudantes e para favorecer os mais pobres. Isso é universalizar a educação", destacou.



Luiz Cabrera, reitor da Unamad, Olinda Assmar, reitora da Ufac, e Pascoal Muniz, vice-reitor da Ufac

países, e essa abertura que a universidade tem feito para os países vizinhos, por meio da integração, é importante para compartilharmos conhecimentos, experiências e contribuímos para o desenvolvimento regional de cada país. Isso abre os caminhos da universidade", disse.

**Projeto inovador** - Para a reitora da Universidade Federal do Acre, Olinda Batista Assmar, o Alfa III deve ser apreciado como um projeto inovador. "Temos parcerias com a União Europeia e outros

países, e essa abertura que a universidade tem feito para os países vizinhos, por meio da integração, é importante para compartilharmos conhecimentos, experiências e contribuímos para o desenvolvimento regional de cada país. Isso abre os caminhos da universidade", disse.

Ainda não há uma previsão do início do projeto nessas regiões. Segundo Carlito Cavalcanti, a assina-

tura do projeto garante a operacionalidade e que ele sairá do papel. "Após assinatura do Projeto Alfa III, iremos para outra etapa, talvez a mais demorada, que é a parte burocrática. O primeiro passo foi dado: a assinatura do projeto. Agora vamos viabilizar os próximos. Esperamos que no ano que vem tenhamos avançado de tal maneira que o doutorado na área de Desenvolvimento Sustentável aconteça no segundo semestre de 2012."

## Acre sediará Encontro Nacional da SBPC em 2014

MAGDA TOMAZ

O Acre será sede do 66º Encontro Nacional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em 2014. A decisão foi tomada no dia 9 de julho deste ano, em Goiânia (GO), durante reunião do Conselho Diretor da SBPC.

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência foi criada em 1940, quando tiveram início as primeiras reuniões anuais e a publicação da Revista Ciência e Cultura, porta-voz da entidade. Nessas discussões foram criados o CNPq, a Capes, e a Fapesp, em 1950. Hoje, a SBPC conta com a parceria de outras noventa e duas sociedades, associações e federações de ensino e pesquisa que trabalham diretamente com estudos relacionados às ciências. São 16 entidades de ciências exatas, 27 de ciências humanas, 37 de ciências biológicas e 12 na área de tecnologia.

A proposta para trazer a reunião da SBPC para Rio Branco

foi apresentada pelo vice-reitor da Universidade Federal do Acre (Ufac), professor Pascoal Torres Muniz, pelo secretário de Estado de Educação e Esporte, Daniel Zen, e pelo deputado federal Sibá Machado (PT-AC) para cerca de 30 conselheiros da Sociedade.

O tema proposto é "O Desafio da Economia Verde", baseado na atuação regional caracterizado pela florestania e pelo amadurecimento do tema sustentabilidade ambiental no Estado.

Além de sediar o evento, o Estado irá abrigar, em 2013, a reunião regional, prevista para julho, sendo um evento menor e que antecede a reunião nacional. Esse evento é para estudantes de graduação e de pós-graduação, professores dos ensinos básico e superior, pesquisadores e profissionais de diversas áreas. Na reunião Regional os participantes também terão direito de presenciar conferências, mesas-redondas e minicursos, que contarão com a presença de cientistas renomados de várias regiões do país.

Em toda a história da SBPC, apenas dois Estados da Região



Reunião do Conselho Diretor da SBPC que decidiu a sede em 2014

Norte - Pará e Amazonas - sediaram o Encontro Nacional. Belém sediou a 59ª Reunião, em 2007, e Manaus a 61ª Reunião, em 2009.

Considerado o maior evento da ciência brasileira, a estimativa é que mais de dez mil pessoas participem, o que movimentará a economia local e o fluxo turístico no Estado. O Acre é um país de triplíce fronteira, motivo pelo qual as economias de países vizinhos também estarão envolvidas com o evento, além de cidades históricas como Xapuri, do seringueiro e extrativista Chico Mendes, e Porto

Acre, palco de algumas cenas importantes da Revolução Acreana.

Além de simpósios, palestras, minicursos e apresentações de trabalhos de cientistas renomados, haverá também o SBPC Jovem, programação focada para alunos do ensino básico, a ExpoT&C - Exposição de Ciência e Tecnologia com apresentação de resultados de experiências e descobertas, e a SBPC Cultural, espaço para atividades artísticas locais.

O Encontro será descentralizado, ou seja, haverá eventos em todas as cidades do Estado que te-

nam campus da Ufac. Em agosto, foi criada uma Secretaria Regional da SBPC no Acre, com o intuito de contribuir para os preparativos do Encontro Nacional e a Reunião Regional da SBPC.

Para o vice-reitor da Universidade Federal do Acre, Pascoal Muniz, não faltam motivos para o Estado sediar o evento. "Nos últimos anos, o mundo vem valorizando cada vez mais o tema desenvolvimento sustentável. A ciência não pode, nem deve, ignorar tal fato. Então, nada mais justo que o Acre, um Estado conhecido por sua luta em manter a floresta viva e preservada, sediar o Encontro Nacional da Sociedade", disse.

Segundo Muniz, a SBPC abre um caminho para discussões da ciência dentro da Amazônia. "Sediar tal evento é um sinal claro da descentralização da pesquisa, é colocarmos a Amazônia novamente no centro do debate científico. A Ufac certamente se esforçará para apresentar grandes trabalhos científicos", completou.

Para saber mais sobre a SBPC acesse: [www.sbpnet.org.br](http://www.sbpnet.org.br).

FOTO: ARQUIVO ASCOM/UFAC

# Novos profissionais de nível superior em Cruzeiro do Sul

FRANCISCO DANDÃO

FOTOS: FRANCISCO DANDÃO

**C**ruzeiro do Sul, no extremo ocidente da Amazônia brasileira, ganhou oitenta e sete novos profissionais, em nível de terceiro grau, na noite de 27 de maio (uma sexta-feira), com uma formatura conjunta das áreas de Enfermagem, Letras/Inglês, Letras/Português, Biologia e Engenharia Florestal, em solenidade que contou com as presenças, entre outras autoridades, da reitora Olinda Assmar e do senador Jorge Viana.

Com o plenário do belo Teatro dos Nauas lotado por familiares e amigos dos formandos, a cerimônia de colação de grau transcorreu em clima de muita emoção, principalmente por parte daqueles que lembravam que há pouco mais de vinte anos, quando a Universidade Federal do Acre (Ufac) ainda não havia chegado à cidade, a formação superior só era possível para quem podia pagar os estudos fora do seu domicílio.

E foi exatamente os benefícios com a expansão da Ufac para fora dos seus muros na capital do Estado o tema recorrente na maioria dos discursos dos diversos oradores, que fizeram questão de enfatizar que somente dessa forma, com a socialização do ensino superior, via formação dos mais diversos segmentos da população, é possível uma efetiva contribuição para a diminuição das desigualdades sociais no Brasil.

**Primeira turma de engenheiros florestais** - Entre esses novos profissionais formados pela Universidade Federal do Acre, Campus Floresta, em Cruzeiro do Sul, destaque para os dezessete primeiros en-



Primeira turma de engenheiros florestais formados pela Universidade Federal do Acre no Campus Floresta, em Cruzeiro do Sul

genheiros florestais, cuja importância para o desenvolvimento regional é inegável, cogitando-se, inclusive, que o aproveitamento deles pelo mercado de trabalho seja imediato.

"É um motivo de muito orgulho para mim a formação da primeira turma de engenheiros florestais no Vale do Juruá, porque aqui é um lugar que apresenta 95% de florestas nativas, possuindo um grande potencial de exploração", diz a professora M.Sc. Millan de Andrade Fontenele, coordenadora do curso de Engenharia Florestal do Campus Floresta, em Cruzeiro do Sul.

Além disso, ainda no dizer da professora Millan de Andrade Fontenele, "do ponto de vista prático,

devido a esse grande potencial florestal existente aqui no Vale do Juruá, ao qual eu me referi anteriormente, acredito que esses recém formados, assim como os que se formarão nas próximas turmas, têm toda a condição de serem rapidamente absorvidos pelo mercado de trabalho".

**Projeto piloto** - Para o agora profissional Eugênio Moura da Costa, fazer parte da primeira turma de engenheiros florestais de Cruzeiro do Sul já lhe garante um lugar na história, pelo caráter pioneiro da sua formação. Mas diz que foram muitas as dificuldades enfrentadas para chegar até esse almejado dia, justamente pela condição de participar do que ele chama de "projeto piloto de ensino".

"Apesar das inúmeras dificuldades", explica Eugênio Moura da Costa, "nós, eu e os meus colegas de curso, temos consciência de que Cruzeiro do Sul, especificamente, assim como o Vale do Juruá, de maneira mais geral, tem muito a ganhar com a formação de engenheiros florestais aqui na cidade, o que significa, no meu entender, profissionais totalmente integrados à realidade regional".

"Para se ter uma idéia de como a formação de engenheiros florestais aqui em Cruzeiro do Sul é necessária", continua Eugênio Costa, "vários dos nossos colegas de turma já estão trabalhando, enquanto que outros têm proposta de trabalho. Alguns, inclusive, no caso daqueles que pretendem continuar investindo na própria formação, já estão até cursando mestrado em universidades do sul do país".

## OS PRIMEIROS ENGENHEIROS FLORESTAIS

- Alisson Maia Queiroz
- Anna Kamila Rodrigues da Silva
- Cláudia Lima Silva
- Clodoaldo Pinheiro da Silva
- Darlene de Souza Moura
- Ednilson Pinheiro Silva
- Eugênio Moura da Costa
- Everton Almeida do Nascimento
- Francisco Pinheiro Zumba Júnior
- Givanildo Pereira Ortega
- Gleisson de Oliveira Nascimento
- Glória da Silva Almeida
- Mirza Sullayma Lahud Barbary
- Patrícia Oliveira Andrade
- Paulo Henrique da Silva Souza
- Reinaldo Adriano da Silva Valente
- Ygor Yvaney Bessa Neves

## Perfil profissional

O curso de Engenharia Florestal da Ufac tem por objetivo a formação de profissionais com as seguintes capacidades:

- Definir e recomendar interferências nos ecossistemas florestais, de modo a garantir o equilíbrio e a sustentabilidade na obtenção de benefícios que os recursos florestais possam proporcionar à sociedade;
- Habilidade no manejo susten-

tável dos recursos florestais, bem como ao planejamento, organização e direção dos produtos derivados desses recursos, com vistas ao desenvolvimento do setor florestal e da melhoria da qualidade de vida das populações tradicionais;

■ Atuar no setor florestal com vistas ao planejamento organização, implantação e manejo das florestas, bem como dirigir o uso dos recursos naturais renováveis.



Givanildo Pereira Ortega representou a turma durante o juramento



Renildo Cunha, Olinda Assmar e Jorge Viana prestigiaram a formatura

# Josimar Ferreira fala dos avanços da Ufac no Vale do Juruá

FRANCISCO DANDÃO

**E**ngenheiro agrônomo formado pela Universidade Federal do Acre (Ufac), em 2001, Josimar Batista Ferreira não quis saber de parar de estudar logo após concluir a graduação. No ano seguinte já estava no mestrado e, logo em seguida, já emendou com o doutorado, ambos em fitopatologia, na Universidade Federal de Lavras (Ufla).

**Jornal da Ufac – O que significa a Ufac para Cruzeiro do Sul nos primeiros anos do século XXI?**

**Josimar Ferreira** – A Ufac tem uma contribuição muito grande para a região do Vale do Juruá, uma região historicamente isolada, distante centenas de quilômetros da capital, Rio Branco. A importância da universidade é enorme, não somente para Cruzeiro do Sul como para todos os municípios vizinhos aqui da gente. E a importância da Ufac extrapola mesmo os limites territoriais do Estado, uma vez que nós atendemos inúmeros alunos de cidades do Estado do Amazonas. A contribuição social da Ufac nessa região é algo meritório, principalmente levando-se em conta o projeto de expansão da instituição, que começou a ser levado a efeito em 2005. Até essa data, existiam somente três cursos aqui, nas áreas de Pedagogia e Letras, e vinculados à sede. Com esse projeto de expansão, apoiado pelo Governo do Estado e pelos parlamentares acreanos, foi efetivada a contratação de professores, o que viabilizou a criação de vários outros cursos. De forma que hoje a comunidade cruzeirense, bem como as comunidades adjacentes, tem ao seu dispor dez opções de cursos. Na área de Ciências Agrárias nós temos os cursos de Agronomia e Engenharia Florestal; na área de Ciências Biológicas, nós temos Biologia, licenciatura e bacharelado; na área de Ciências Humanas nós temos os cursos de Pedagogia, Letras/Inglês, Letras/Espa-

Em 2006, já com o título de doutor no currículo, passou em um concurso público para professor da Ufac, sendo designado para atuar no Campus Floresta, em Cruzeiro do Sul, onde hoje exerce o cargo de diretor geral, administrando os interesses de três mil alunos, trinta e cinco funcionários e cem professores, distribuídos em dez cursos de graduação.

É principalmente sobre essa experiência como gestor universitário que o doutor Josimar Batista Ferreira conversou com o *Jornal da Ufac*.

nhol, Letras/Português e Formação Docente para Indígenas; e na área de Ciências da Saúde nós temos o curso de Enfermagem. Por muitos anos, esse tipo de formação só era possível para aqueles que podiam sair para estudar fora.

**Jornal da Ufac – Como fazer para a Ufac se tornar ainda mais forte no Vale do Juruá?**

**Josimar Ferreira** – Nós estamos num processo de consolidação. Hoje nós estamos com um déficit de profissionais, tanto de técnicos-administrativos quanto de professores, isso para consolidar os cursos já existentes. Ainda faltam muitos professores para que os cursos funcionem, de fato, em sua plena capacidade. É claro que nós entendemos que a resolução desse problema não depende somente da administração superior da Ufac, sabemos que depende principalmente da liberação de vagas pelo Ministério da Educação, mas enquanto esse tipo de problema não for sanado, dificilmente o fortalecimento que nós almejamos acontecerá.

**Jornal da Ufac – Quanto à questão da pesquisa, professor Josimar, o que é que já se faz no Campus Floresta?**

**Josimar Ferreira** – Muitos dos professores lotados aqui no Campus Floresta foram atraídos para essa região com a intenção de realizar pesquisas. E isso tem, graças a Deus, alavancado bastante esse tipo de atividade aqui na nos-



Josimar Batista Ferreira, diretor-geral do Campus Floresta

sa unidade. Aqui no nosso Centro Multidisciplinar, nós temos a liberdade de dizer, hoje existem professores, como o professor Reginaldo e o professor Paulão, da área de zoologia, que nós reputamos como os que mais publicam [textos de caráter científico] dentro da Ufac. Eles têm uma média de quatro a cinco artigos publicados por ano. Os dois são credenciados junto ao mestrado de Ecologia e Manejo de Recursos Naturais, em Rio Branco, e quando a gente olha o *Lattes* [currículo] desses professores, a gente toma um susto, porque eles estão numa realidade da maior biodiversidade do planeta, que é a região do Juruá, e eles estão indo para o campo, descrevendo novas espécies e isso tem uma repercussão muito grande para cá, porque isso não era feito anteriormente. Então, esse é só um exemplo de pesquisa. Na área de agrárias nós temos também várias pesquisas em andamento com animais, mandioca... Temos pesquisas na área de entomolo-

gia... Eu mesmo tenho uma pesquisa na área de fitopatologia, já tive projetos aprovados junto à Fundac [Fundação de Tecnologia do Acre] e executado junto à toda a comunidade de Cruzeiro do Sul. E temos, ainda, na área de paleontologia o professor [Ricardo] Negri, que veio para cá pelo sistema de redistribuição de vagas e já conseguiu realizar grandes descobertas na região. Precisamos, ainda, melhorar a estrutura física, mas com o pouco que temos já conseguimos muita coisa junto à comunidade do Vale do Juruá.

**Jornal da Ufac – E sobre extensão, o que é que se faz aqui no Campus Floresta?**

**Josimar Ferreira** – O nosso vínculo com a extensão, em princípio ainda é muito recente por aqui. Mas nós temos uma consciência muito grande de que todos os nossos professores tem protocolado os seus projetos de extensão. Isso porque a extensão não deve ser descaracterizada dentro de uma instituição de ensino superior. Então, na área de saúde, nós temos professores que já realizam um bellissimo trabalho de extensão, na questão de prevenção de doenças e na questão de doação de sangue. Na área agrônoma, particularmente, eu também fiz vários projetos de extensão, como hortas comunitárias... É certo que ainda precisamos avançar bastante na área da extensão, mas para isso nós precisamos de muito apoio, principalmente porque, dadas as peculiaridades da região, às vezes é necessária uma logística enorme para que a gente possa chegar às comunidades mais isoladas.

dades da região, às vezes é necessária uma logística enorme para que a gente possa chegar às comunidades mais isoladas.

**Jornal da Ufac – Quanto a futuros cursos, vocês têm algum diagnóstico sobre o que a população gostaria que fosse criado no futuro?**

**Josimar Ferreira** – Todos esses cursos que foram criados a partir do projeto de expansão da Ufac foram pleitos da comunidade. A administração da Ufac não criou nenhum curso apenas por entender de fazê-lo. E o próximo a ser efetivado será o curso de Direito, também a partir de uma demanda da população. Nós ainda temos um déficit muito grande nessa área jurídica por aqui e, dessa forma, será mais uma formação extremamente necessária que a Ufac vai patrocinar para a comunidade do Vale do Juruá. Outros cursos também almejados pela comunidade dizem respeito à área de saúde... Farmácia, Bioquímica... Nós até já abrimos uma discussão interna para uma possível criação de um curso de Farmácia, mas sabemos que é um curso muito caro para as condições hoje da Ufac.

**Jornal da Ufac – Como última pergunta, eu gostaria de saber quais as principais dificuldades que você enfrenta para administrar o Campus da Floresta.**

**Josimar Ferreira** – Nós somos um grande centro, o maior centro da Ufac, um centro multidisciplinar, onde nós englobamos aí dez cursos presenciais, além dos programas de formação de professores etc... A grande dificuldade disso tudo, como até eu já falei anteriormente, diz respeito ao baixo número de professores e de técnicos-administrativos. Mas temos também uma outra dificuldade, que é com respeito aos processos licitatórios. Agorinha mesmo, para o funcionamento do nosso restaurante universitário, nós passamos por várias licitações e não conseguimos empresas aqui em Cruzeiro do Sul capazes de concorrer. Além disso, existe o problema da comunicação. Nós estamos a setecentos quilômetros da sede e toda a nossa estrutura depende de Rio Branco. Mas, apesar disso tudo, nós entendemos que temos crescido bastante nos últimos anos. A Ufac tem investido muito por aqui. Prova disso é que hoje nós estamos com o projeto de construção de um grande anfiteatro, estamos com obras relacionadas ao anel viário do campus e estamos discutindo a construção de mais espaços físicos... São muitas as dificuldades, mas nada que possa nos desanimar.



Vista frontal do Campus Floresta: a Ufac consolida sua atuação em Cruzeiro do Sul

# Ufac é protagonista de Formação de Pr

MAGDA TOMAZ

A cidade de Cruzeiro do Sul sediou a última colação de grau do Programa Especial de Formação de Professores para Educação Básica I Zona Rural (Profir), uma parceria do governo do Estado com a Universidade Federal do Acre (Ufac). Foram mais de dois meses de formaturas, de um programa cujos investimentos ultrapassaram os R\$ 18 milhões e que resultou na qualificação acadêmica de quase dois e quinhentos profissionais

Considerado o maior projeto de formação de professores da educação básica do Brasil, o Profir durou seis anos e contemplou todos os municípios do Estado, incluindo a capital, Rio Branco. Matemática, Geografia, Letras, História, Pedagogia, Ciências Biológicas e Educação Física foram as áreas de formação desses profissionais.

Em 2009, junto com Ceará e Rondônia, o Acre fez parte dos únicos três Estados das regiões Norte e Nordeste que obtiveram as melhores notas no Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Os valores para avaliação, que vão de 0 a 10, foram calculados com base nos resultados da

Prova Brasil, que faz parte do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e aprovação dos alunos nas séries iniciais e finais do ensino fundamental e médio.

Esse quadro é o resultado das parcerias do governo com outras instituições. A resposta positiva a iniciativas desse porte é que o Acre deixou os últimos lugares no que se refere ao ensino público e atualmente figura entre os dez Estados brasileiros com melhor aproveitamento no ensino fundamental e médio.

O projeto conjunto da Ufac com o governo estadual teve por objetivo qualificar seu quadro de profissionais para que nos próximos anos todos os professores das zonas urbana e rural tenham formação superior, abolindo, definitivamente, a figura do "professor leigo".

Para se ter uma dimensão do alcance e da eficácia do Profir, há cerca de dez anos apenas 27% dos professores possuíam graduação (formação em nível superior). Esse número hoje alcança a taxa dos 95%, de acordo com o secretário de Estado, Educação e Esportes (SEE), Daniel Zen. "Somos o único Estado brasileiro a ter quase todos os professores da rede pública graduados. Trilhamos esse caminho para fazer educação de qualidade. Este é um Estado que dá prioridade à educação", disse o secretário.



Reitora Olinda Assmar discursa na solenidade de colação de grau do Profir, ladeada pelo secretário de Educação do Acre.

## Feijó e Porto Acre: várias mãos e um só propósito

Em todo o Estado, cerca de 2.500 professores das 480 unidades de ensino da zona rural, nos cursos de Letras, Pedagogia, Matemática, História, Geografia, Biologia e Educação Física, foram con-

templados pelo Profir, num investimento que beira os R\$ 18 milhões.

Segundo a professora Maria Corrêa, ex-secretária de Estado de Educação e uma das idealizadoras do projeto, o Profir é o maior

programa de formação para professores do Brasil. "A grande maioria dos professores da zona rural ainda não era efetiva, porque lhes faltava o treinamento exigido por lei. Estar presente a estas formaturas,

fruto do maior programa de formação de professores do país, para mim é muito especial. Isso porque considero o título de professora o mais importante da minha carreira", revelou.

Esse orgulho expresso por Maria Corrêa nas solenidades de colação de grau corresponde ao sentimento da maioria dos profissionais que atuam na zona rural. A professora Selma Lúcia da Silva, por exemplo, leciona na escola Francisco Pinto, no Ramal Capixaba, Projeto Tocantins, um dos maiores assentamentos de Porto Acre, que abriga mais de 600 famílias.

Selma Silva afirma que o projeto é a esperança de uma educação melhor para os alunos da zona rural, habituados a enfrentar todo tipo de dificuldades. "Na época do inverno [período chuvoso], a estrada fica intratável e só é possível ter acesso à escola a cavalo. Mas, mesmo assim, é possível oferecer uma educação de qualidade para essas crianças, principalmente

agora, com a ajuda do governo do Estado e da Ufac", afirmou.

Segundo o diretor de Inovação da SEE, Marco Antônio Brandão Lopes, o programa está inserindo mais um marco na história do Acre. "Cada município que visitamos, comprovamos a mudança que este programa tem feito e a gratidão no olhar de cada pessoa, de cada formando", afirma.

A propósito, gratidão é a palavra que traduz o sentimento de Marcos André Bezerra, orador da turma de formandos de Matemática na solenidade realizada em Tarauacá. Por diversas vezes, foi inevitável conter a emoção. "Foram seis longos anos. Dias de angústias e muito trabalho. Só nós sabemos o que passamos para estarmos aqui neste momento. Nunca vamos esquecer os que nos acompanharam nessa jornada. Somos uma família, não apenas colegas de sala. Hoje é o dia de uma conquista inesquecível", declarou.



Formandos de Brasília minutos antes de receberem os respectivos diplomas de nível superior

FOTO: JOÃO PETROLITANO

# do maior Programa Professores do Brasil

FOTO: MAGDA TOMAZ



Daniel Zen e pelo prefeito Wagner Sales

## Pequenos sonhadores

Os gêmeos Alessandro e Alex Conceição Almeida, 11, estudam na São Raimundo Nonato e moram no Ramal Cunha Gomes, distante 18 quilômetros da escola, considerados pelo professor Nerivaldo um dos trechos mais difíceis. "Se chover, não há condições de ir para a aula. Quando dá, saio de casa às 8 da manhã para chegar depois das 13 horas, se não quiser me atrasar", relata Alex. "Meu pai me incentiva, dizendo que, como meu sonho é ser engenheiro, tenho que passar por tudo isso para vencer."

"Gosto de ir à escola, me sinto bem lá. Meus colegas são muito legais. Seria melhor se a gente tivesse um ramal sem lama nem buracos o ano inteiro. Só assim haveria aula normal", completa Alessandro.

## Professores e heróis

Os que participaram diretamente do projeto sabem que, em cada um dos vinte dois municípios, as histórias presenciadas, os desabafos, as palavras de incentivo tiveram uma reação singular. Foram rostos com marcas parecidas - do tempo, do sol, do sofrimento -, mas todos com uma história de vida, de triunfo. Um dos exemplos vem do professor Nerivaldo Albuquerque de Souza, graduado em História. Ele leciona na escola São Raimundo Nonato há mais de oito anos, no Ramal dos Paulistas, também na área de Porto Acre.

Nerivaldo entende bem as dificuldades relatadas pela colega Selma, do Projeto Tocantins. "Temos crianças que chegam a andar até cinco quilômetros para alcançar a rota do caminhão encarregado de transportá-las à escola. É um longo caminho. Elas têm que encarar o cansaço e o sol quente, já que estamos no verão. Imagine como deve ser para uma criança vencer esse percurso todos os dias nessas condições", comenta o educador.

A escola São Raimundo Nonato é responsável pela formação de 245 alunos. Mais da metade - 157 - estuda na matriz, localizada no Ramal do Pico do Meio, no Projeto Tocantins. Os 88 restantes são distribuídos em anexos oferecidos pela própria comunidade, como casas, igrejas e outros espaços. Os anexos vieram da necessidade de crianças em comunidade mais isoladas terem acesso à educação. Eles fazem parte de outro projeto da SEE, o Asinhas da Florestania.

No período chuvoso (de novembro a abril), crianças que moram



FOTO: MAGDA TOMAZ

Marcelo Zaboetzki, coordenador dos cursos de Letras do Profir

longe da escola não têm como sair de casa. Isso porque, com as chuvas, algumas localidades ficam isoladas, já que o caminhão responsável pela condução dos alunos não consegue entrar no ramal.

Diferentemente dos outros estabelecimentos de ensino da zona urbana, e levando-se em conta as dificuldades de acesso, sobretudo o inverno amazônico, as aulas têm início em abril e se estendem até dezembro, incluindo sábados e feriados. Com base nessas peculiaridades sazonais, o calendário escolar é elaborado seguindo a lei 9394/96, que determina a oferta dos 200 dias letivos.

O caso dos dois formandos de Porto Acre é bem parecido com o do professor Evandro Eleutério da Silva. Ele é formando de Geografia e trabalha há mais de dez anos na comunidade rural Parque Nacional

da Serra do Moa, em Mâncio Lima.

A viagem até o local de trabalho, na Escola Josefa Queiroz, leva um dia de barco. Segundo ele, a maior dificuldade para ensinar na zona rural é o acesso a essas localidades. "A maior dificuldade é chegar até a escola. Isso muda quando chegamos lá e vemos o desejo das crianças de aprender. Esquecemos todas as dificuldades. Estou muito orgulhoso por estar me formando. Agora garanto oferecer o máximo de mim para que essas crianças tenham um futuro menos difícil", disse.

"Ser educador é um desafio a cada dia." Essas foram as palavras do professor e formando de Matemática Raimundo Lima de

Araújo, de Feijó, ao ser indagado sobre as dificuldades enfrentadas. "Já fiz muita merenda. Tinha que passar exercício, e enquanto os alunos resolviam, eu corria e fazia a merenda deles", recorda o professor.

"Pode não parecer muito, mas para a escola a energia elétrica é mais que necessária. Lá não existe isso. Ajudaria a conservar a merenda. Ter água gelada para as crianças que vêm a pé. E livros, livros novos, e talvez algumas carteiras, sabe? Nossa escola já se contentaria com esses benefícios", diz o formando, com uma expressão inocente, como se o pedido, se aceito, fosse um favor.

Segundo ele, a descoberta da paixão pelo magistério veio de uma "situação comovente". "Quando tive que lecionar na Extrema, numa localidade que para chegar eram três dias e meio de barco, uma aluna desmaiou na sala de aula. Prestei socorro à garota e, ao retornar do trauma, ela me disse que não comia havia dois dias. Aquilo me deixou extremamente sensibilizado. Como já havia feito a merenda, ofereci um prato de farofa com carne. Dez minutos depois, ela estava sorridente e feliz. Foi ali que me convenci da necessidade de ser um professor. Sou a esperança dessas crianças de terem um futuro melhor. Um futuro que lhes proporcione a vida que elas merecem. E vocês não têm ideia de como elas são guerreiras", relembra o professor.

FOTO: MAGDA TOMAZ



FOTO: JOÃO PETROLITANO

Professores de Brasiléia posam para posteridade



Professores da zona rural de Marechal Thaumaturgo

# Ufac projeta mestrado em Gestão Pública para servidores

**A**s asas foram dadas de presente à imaginação. Nem um passo para trás. Nem para tomar impulso. Eles não sabiam que era impossível. Foram lá e fizeram.

Foi mais ou menos por vias como essas que nasceu o sonho do Mestrado em Gestão Pública para os servidores técnico-administrativos desta Universidade. Tudo houve por bem acontecer a partir de quando - com a instalação da Pró-Reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoas, Prodegp - alguns membros da administração superior começaram a pensar sobre como desenvolver ou capacitar os funcionários da Casa.

As discussões, então, tiveram início com a participação dos membros da administração superior ainda na gestão do reitor Jonas Pereira de Souza Filho.

As considerações e sugestões partiam de cursos que viabilizariam a capacitação e qualificação dos servidores. Seriam ações e eventos que lhes apontassem os rumos de um desenvolvimento pessoal correspondente aos sonhos de gente que quer prosperidade, progresso. Mas os mentores queriam mais e pensaram em cursos de especialização lato sensu, que outorgariam aos técnicos o grau de especialistas. E foram em busca de outros limites. Pensaram em mestrados que levassem os servidores a patamares bem mais elevados. Tiveram bases na assertiva hoje em voga segundo a qual os professores se tornam reitores e se vão depois de quatro anos, às

vezes, para a aposentadoria, e levam consigo todo um arcabouço riquíssimo em conhecimentos. Ao contrário dos técnicos que vivem o dia a dia da Instituição durante trinta ou trinta e cinco anos. Seria indispensável dinamizar processos que capacitassem cada vez mais os que por aqui vão ficando com as responsabilidades de toda uma vida.

Algo mais concreto aconteceu. Passado um certo tempo, em abril de 2010, sob a condução do Prof. Dr. José Cláudio Mota Porfiro, um anteprojeito foi concebido pela Diretoria de Desempenho e Desenvolvimento (DDD). Depois de alguns entendimentos, a proposta foi enviada para análise por parte da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia (UFBA) que a considerou viável a curtíssimo prazo.

Todavia, levada à consideração da Capes, a agência oficial que regula e fomenta os cursos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado das universidades públicas, o projeto foi relegado a um segundo plano uma vez que, naquele momento, meados de 2010, não estavam abertas as inscrições que dariam legitimidade à demanda. Em realidade, a agência achou temeroso colocar em risco a pontuação da Escola de Administração da UFBA que se mantém, há doze anos, com a nota máxima no ranking coordenado por eles. Foi apenas um contratempo. Depois da avalanche, voltaríamos a sonhar, com certeza.

Para o Prof. Dr. José Cláudio Mota Porfiro, autor do ante-projeito enviado à Bahia, "mais importante



Técnicos-administrativos da Ufac poderão ter mestrado profissional nos próximos meses

é que temos, incansavelmente, refletido sobre o servidor técnico-administrativo que coloca em movimento esta Universidade. Tem-se pensado muito a questão do desenvolvimento dos nossos recur-

sos humanos. A partir de bases legais já adequadas às realidades e em prática em outras instituições públicas, foi elaborado um documento denso e bem consubstanciado que detalha, inclusive em termos metodo-

lógicos, como devemos proceder para que leemos a bom termo um amplo processo de avaliação permanente que tenha como resultado programas estáveis de capacitação da nossa força de trabalho."

## Plano de Capacitação

Na atual administração, por determinação da Reitoria, foi elaborado o processo de elaboração do Plano de Capacitação para os servidores administrativos, ficando o mesmo sob a responsabilidade da Prodegp. Ao todo são onze as ações propostas, conforme lista a seguir.

- 1. Curso de Redação
- 2. Curso de Informáti-

ca Básica

- 3. Curso de Informática Avançada
- 4. Curso de Inglês Instrumental (tradutores)
- 5. Treinamento em Gestão de Pessoas
- 6. Curso sobre Aspectos Teóricos e Práticos da Rede de Dados da Ufac
- 7. Treinamentos para servidores da Prodegp fora do Estado

- 8. Proposta para a implementação de um Plano Institucional de Segurança
- 9. Institucionalização das normas de avaliação para os servidores em estágio probatório
- 10. Projeto Curso de Mestrado em Gestão Pública (em andamento)
- 11. Curso de Relações Interpessoais

## O futuro em boas mãos

"Precisamos voltar a respirar depois do susto. Há outros meios que garantirão a realidade dos nossos sonhos." Foi o que assegurou o otimista Jaider Moreira de Almeida, bacharel em Direito e atual pró-reitor de Desenvolvimento e Gestão de Pessoas. Esta foi a base propulsora para o voo mais promissor dentre todos.

Agora por último, então, no início de junho, um técnico da Ufac foi chamado a participar, em Brasília, de uma reunião com o comitê gestor que estudava as possibilidades da instalação de um Mestrado Profissional em Administração, em rede nacional, modalidade EAD, sob os auspícios da Andifes, a associação nacional dos dirigentes das instituições federais de ensino superior.

Segundo o técnico que participou da citada reunião, a Andifes agora está solicitando os nomes

de quatro professores doutores, de áreas afins, como sejam, Economia, Direito, Ciências Sociais e Educação, dentre outras, que poderão vir a exercer o papel de orientadores dos futuros mestrados da Ufac.

É oportuno considerar, segundo o Prof. Dr. João Luiz Martins, presidente do Comitê Gestor e reitor da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), além de presidente da Andifes, que "a capacitação dos técnicos administrativos é a grande solução para os problemas das instituições de médio e de pequeno portes, que têm professores exercendo funções administrativas e que deveriam

estar em sala de aula melhorando a qualidade do ensino."

Ademais, cabe lembrar o que o Prof. Dr. Marinho Scarppi, da Unifesp, deixou claro na reunião da

Andifes. Para ele, "os dirigentes das Ifes deveriam fazer-se acompanhar, sempre, nessas viagens a Brasília, de grupos de cinco ou seis técnicos, uma vez que os reitores se vão, em quatro temporadas, e os funcionários administrativos é que ficam por trinta e

cinco anos de toda uma vida tocando o barco da instituição".

Felizmente, os próximos passos, a partir de agora, serão muito mais firmes e eficazes, posto que

com o aval de quem de direito. A coordenação do futuro curso de Mestrado Profissional em Administração Pública ficará a cargo da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, a quem cabe, institucionalmente, dar vazão a demandas tão enriquecedoras como esta. Trata-se de uma instância que, ao longo dos últimos vinte anos, aperfeiçoou um quadro de técnicos primos e, com isto, adquiriu experiência inegável na condução de processos tão importantes quanto este.

Certo é que a proposta amadureceu e está em vias de se efetivar. O sonho acalentado pelos mentores iniciais agora se torna realidade, principalmente, porque pode contar com o apadrinhamento oportuno de uma instituição de tamanha importância, como a Andifes. (Assessoria da Prodegp)

**"... capacitação dos técnicos administrativos é a grande solução para os problemas das instituições de médio e de pequeno portes, que têm professores exercendo funções administrativas e que deveriam estar em sala de aula melhorando a qualidade do ensino."**



Jaider Moreira de Almeida, pró-reitor de Desenvolvimento e Gestão de Pessoas da Ufac



# O rio Acre e a restauração florestal da mata ciliar

ECIO RODRIGUES

**E**m outubro de 2007 um grupo de engenheiros florestais vinculados à Universidade Federal do Acre (Ufac) se debruçavam sobre o tema das características hidrológicas do Rio Acre. Incomodava à equipe de pesquisadores, o fato do rio ter se tornado indesejável para a população, uma vez que ora tinha excesso de água, desabrigando famílias com as cheias (note-se que não precisa de enchente, mas somente de cheias para desabrigar), ora tinha falta de água, com secas extremas que apartam o rio (quando a água volta para cabeceira, fato observado em alguns afluentes que cortam a rodovia Transacreama), comprometendo o abastecimento urbano.

Dessa reunião surgiu o Projeto Ciliar Só-Rio Acre, que trazia em seu escopo duas diretrizes principais. A primeira, que das várias causas do comportamento indesejável do rio, o desmatamento da mata ciliar, ao longo dos oito municípios cortados pelo rio (de Porto Acre até Assis Brasil) é a mais importante. Ou seja, depositava-se aí a aposta técnica de que o equilíbrio hidrológico do rio tinha relação direta com a existência ou não da mata ciliar.

Já a segunda diretriz apontava para a necessidade da Engenharia Florestal conceber metodologia para atuação com mata ciliar, o que envolveria tanto diagnóstico quanto a implantação de projetos de restauração florestal. A partir daí foi simples elaborar um documento que o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, considerou satisfatório e aportou em torno de 200 mil reais e prazo de 36 meses para sua execução.

Mas, a idéia original do Ciliar Só-Rio, inclusive com a definição do nome, havia surgido antes. Durante a elaboração do Relatório de Impacto Ambiental, para licencia-

mento do asfaltamento doanel viário e da terceira ponte sobre o Rio Acre, a equipe responsável, todos pesquisadores da Funtac, incluíram como medidas mitigadoras a execução do projeto denominado Ciliar Só-Rio.

Para se alcançar seus objetivos, qual sejam, diagnosticar as condições da mata ciliar do rio Acre, propor restauração florestal e conceber metodologia de atuação em mata ciliar que seja passível de ser assimilada no cotidiano das prefeituras, o projeto realizou as seguintes atividades: mapeou a mata ciliar em cada município com imagem de satélite, identificou trecho crítico de degradação, calculou a largura da mata ciliar para cada município, definiu as 20 espécies florestais nativas de maior importância para a mata ciliar, realizou estudos fenológicos para a produção de sementes das 20 espécies nativas e executou programa de extensão florestal para convencimento de vereadores e prefeitos.

O projeto se encerrará, em dezembro próximo, com a aprovação nas Câmaras de Vereadores da Lei Municipal da Mata Ciliar do rio Acre, que vai normatizar a atuação da administração municipal com a mata ciliar.

Pode-se notar pela abrangência do Ciliar Só-Rio que a lacuna técnica para compreensão da mata ciliar era enorme. A surpresa da equipe de pesquisadores foi que não há estudos direcionados para a vegetação da mata ciliar, sua dinâmica e composição. Para se ter uma idéia a identificação científica das 20 espécies florestais originais da mata ciliar exigiu a concepção de um novo indicador: o Índice de Valor de Importância para Mata Ciliar, denominado de IVI-Ciliar, que certamente, dará muito o que discutir pela engenharia florestal amazônica.

Maiores informações sobre o projeto e a equipe de pesquisadores envolvida podem ser encontradas no blog: [www.ciliarsorioacre.blogspot.com](http://www.ciliarsorioacre.blogspot.com).



Trecho crítico de degradação às margens do rio Acre, praticamente sem cobertura vegetal

## Acre: um rio de muitas curvas

“O rio Acre localiza-se na Bacia Sedimentar Amazônica, situada na Província Amazonas-Solimões. Por ser uma área Equatorial situada em baixas latitudes, possui um clima quente e úmido (Equatorial). Região de baixa latitude, apresenta médias térmicas mensais elevadas que variam e estão acima dos 24 °C.

Embora as médias térmicas estejam acima de 24 °C em toda a região (exceto porções restritas do planalto das Guianas), o regime de chuvas apresenta diferenças importantes conforme a atuação dos diferentes sistemas atmosféricos. Verificam-se totais anuais superiores a 2.500 mm e ausência de estação de seca em toda a Amazônia ocidental, onde a presença das BP (baixas pressões) equatoriais é quase permanente. Por outro lado, há uma diagonal subúmida que se estende de Roraima ao sul do Pará, chegando até Rondônia e parte do Acre, cujas médias pluviométricas são menos elevadas, apresentando alternância da estação seca e da chuvosa e caracterizando um clima equatorial subúmido. (ROSS, 1996, p. 103).

O rio Acre se situa na Região Amazônica, que tem um sistema atmosférico quente e úmido, é uma região propícia à alta pluviosidade. Uma das característi-

cas mais comuns do rio Acre são as mudanças de direção do seu curso. A rede de drenagem é bem distribuída, correndo sobre rochas sedimentares, não formando cachoeiras. O rio apresenta forma meândrica, com pequenos trechos retilíneos. A grande quantidade de curvas que o rio apresenta ocasiona a formação freqüente de bancos de areia em seu leito. Da mesma forma, o rio Acre transporta grande quantidade de sedimentos em suspensão, o que confere às suas águas uma coloração turva, típica de um rio de “água branca”.

A dinâmica fluvial do rio Acre envolve um fenômeno muito comum que é o deslizamento das margens. A erosão não ocorre apenas no “perímetro urbano”, mas também no “rural”, sendo que os impactos na zona rural, em alguns trechos, são menores, porque a mata ciliar e a mata de terra firme são mais preservadas, com muitas canaranas adaptadas à umidade, na margem do rio, ajudando a conter a erosão.

Nas enchentes, as margens dos rios ficam saturadas de água. No início da vazante, quando o nível da água começa a baixar, a pressão hidrostática diminui e a água anteriormente retida nas margens é liberada. As margens deslizam, então, de forma rotacional, ou em pacotes, verticalmente.

O rio Acre não é um rio uniforme, ele tem um desnível em seu

leito, com algumas partes mais rasas e outras mais fundas. Esse desnível é ocasionado pela retirada de sedimentos pelo próprio rio. Devido à velocidade e o poder de erosão do fundo do rio, o atrito da água no fundo consegue arrancar muitos sedimentos com facilidade, fazendo “marmitas” gigantes e causando essas deformações (...).

“(...) É surpreendente a quantidade de áreas desmatadas nas margens do rio Acre, o que acaba desprotegendo o solo e aumentando a erosão e o assoreamento do rio.

A erosão provoca remoção de massas em função da água da chuva que satura o solo, como esse solo saturado não é consolidado, por efeito de gravidade, ele vem a baixo. O material removido se desloca barranco abaixo em direção ao rio, provocando o assoreamento, que já está em estado bastante avançado. Esses movimentos de massa são mais freqüentes nas áreas com maior declividade. Nos últimos anos, esse fator tem se agravado, principalmente na cidade de Rio Branco, prejudicando a população, causando perda de casas, ruas, prédios, etc (...).

**Texto de Reginâmio Bonifácio de Lima e Pedro Bonifácio de Lima. Fonte: [www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br](http://www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br)**



O equilíbrio hidrológico do rio tem relação direta com a mata ciliar



## Entre dois amores

RAIMUNDO FIGUEIREDO\*

O título e a inspiração para escrever este artigo pertencem ao renomado jornalista e escritor acreano Francisco Dandão, que já escreveu milhares de artigos, crônicas e livros, principalmente com ênfase no esporte acreano e nacional. Dandão é também um dos membros da Academia Acreana de Letras. Deste autor, inclusive, já li vários artigos e livros que me chamaram atenção, entre os quais destaco *A Arte do Chute na Rede do Improvável*, *Verdades Absolutas e Outras Mentiras*; e *Trilhas Urbanas no Reflexo do Espelho*.

Iniciando meu artigo, descrevo os dois amores, que são as cidades de Sena Madureira e a capital, Rio Branco.

A primeira, com mais de um século de vida, onde vivem cerca de 40 mil pessoas, situada no meio da floresta amazônica, tem ruas estreitas e muitas calçadas revestidas com tijolos, com automóveis de última geração disputando espaço com os carros de bois. Banhada pelo Rio Iaco, encontramos na margem deste várias tendas de índios abandonados, próximas ao porto da cidade, e que se aventu-

ram pela mesma em busca de esmolas. Tudo sob as vistas das autoridades do município e a complacência da Funai. A história informa que Sena Madureira foi a primeira capital acreana e que abrigou uma leva de nordestinos, os quais vieram para esta região enfrentar o desconhecido para conseguir riqueza riscando tronco de árvores em busca de látex, o 'ouro branco da Amazônia'.

O outro amor, situado a leste do Estado, com suas avenidas largas e residências em concreto, tendo suas ruas revestidas com a negritude do asfalto e a faixa branca demarcando a travessia de pedestres, semáforos inteligentes que se abrem quando alguém os comanda a partir de um poste, estrategicamente plantado nas imediações, supermercados com produtos de primeira necessidade, uma infinidade de conjuntos habitacionais - alguns com bastante semelhança entre si.

A BR-364 separa por apenas 145 quilômetros um amor do outro.

Sena Madureira está situada ao vale do Iaco, tendo como limites os municípios de Assis Brasil, Manoel Urbano, Bujari, Rio Branco, Xapuri e Brasiléia, tendo fronteira com o Peru. No seringal Providência, localizado as margens do rio Macauã, onde nasci, aprendi a dominar a lei da gravidade, me equili-

brando sobre duas pernas, vendo meu pai se aventurando no corte da seringa com a intenção de ganhar dinheiro para no futuro buscar os parentes para esta parte próspera da Amazônia. No entanto, seu José (Zezito) Gonçalves, não obteve êxito nos seus sonhos e resolveu mudar-se para a capital, Rio Branco, onde passei minha juventude.

Meu primeiro emprego, onde permaneço até hoje, foi na Universidade Federal do Acre (Ufac), onde contribuí na construção do Campus, atuando como motorista da obra. A Ufac é a única do gênero no Estado e engloba todos os municípios acreanos, com seus cursos de licenciatura e bacharelado - num dos quais (Geografia, no caso) também me graduei.

E assim, por conta de todos os mistérios que cercam a nossa vida, eu, minúsculo grão de areia na história do mundo e no tempo da vida, ainda confesso meus dois amores. Não troco um pelo outro, mas sou fiel aos dois. Penso que não sentirão ciúmes um do outro. E, desta forma, sei que serão sempre meus amores eternos.

\*Técnico Administrativo da Ufac e geógrafo.



## Livros e Idéias

FRANCISCO DANDÃO

**Obra: Janelas do Tempo**  
**Autor: José Cláudio Mota Porfiro**  
**Edição do autor**

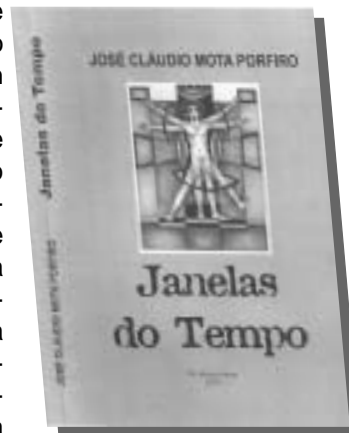
*Janelas do Tempo* reúne crônicas e artigos publicados nos jornais *A Gazeta* e *Página 20*, entre os anos de 2006 e 2007. No dizer de Beneilton Damasceno, autor do texto que vai na "orelha" do livro, este "foi carinhosamente elaborado para leitores de primeira, segunda e terceira idades, indistintamente, e para quem quer que admire a análise do cotidiano de forma lúcida, escorreita, isenta de ví-

cios e que seja uma sucessão de pingos d'água na construção de uma sociedade consciente dos seus direitos e deveres".

No todo e nos detalhes, tudo tem cheiro e sabor de Acre, a partir de quaisquer pontos de vista que se possa imaginar.

Cronista, articulista e professor no Ensino Médio, José

Cláudio Mota Porfiro é acreano de Xapuri, cidade fartamente retratada nos seus escritos.



**Obra: Acreanos de Cinema - Uma História Quadro-a-Quadro**  
**Autor: Hélio Costa Jr.**  
**Editora: Edufac**

Lançado no primeiro semestre deste ano, o livro *Acreanos de Cinema - Uma História Quadro-a-Quadro*, é o resultado da dissertação de mestrado em História do professor Hélio Costa Júnior, defendida em agosto de 2010, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob a orientação do professor doutor Carlos Alberto Alves de Souza.

O livro retrata o movimento

de jovens cineastas ocorrido em Rio Branco, Acre, no período compreendido entre os anos de

1972 a 1982, com a criação do Grupo Ecaja Filmes (Estúdio Cinematográfico Amador de Jovens Acreanos). Hélio Costa Jr. faz uma reflexão sobre a influência dos cinemas nacional e norte-americano na produção dos cineastas acreanos.

À venda na Edufac, campus universitário, pavilhão Esther de Figueiredo Ferraz.



**Obra: A Língua que aprendemos a ensinar: discursos sobre o ensino de português**  
**Autora: Verônica Maria Elias Kamel**  
**Editora: Universitária UFPB**

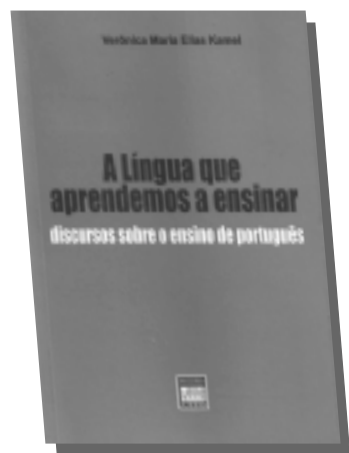
Mais um livro fruto de uma pesquisa acadêmica, *A Língua que aprendemos a ensinar: discursos sobre o ensino de português* baseia-se na tese de doutorado em Língua Portuguesa, realizado pela professora Verônica Maria Elias Kamel, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a orientação da professora doutora Maria Esther Vieira de Souza.

A idéia do trabalho, de

acordo com a própria autora, fundamentado teoricamente nos conceitos trabalhados pelo russo

Mikhail Bakhtin, foi "verificar qual a contribuição do curso de Letras para ampliar/mudar noções básicas, tais como gramática, texto, leitura, escrita, que o sujeito-aluno traz da sua vida escolar antes de ingressar na universidade (...)".

À venda nas livrarias de Rio Branco ou direto pelo site [www.editora-UFPB.com.br](http://www.editora-UFPB.com.br).



# Formação Docente para Indígenas, em Cruzeiro do Sul

FRANCISCO DANDÃO

Iniciado em 2008, o curso de Formação Docente para Indígenas, oferecido pela Universidade Federal do Acre (Ufac), campus Floresta, em Cruzeiro do Sul, já tem data certa para concluir a formação da sua primeira turma: junho de 2012.

Trata-se de um curso pioneiro, regionalmente falando, em relação à clientela atendida. Uma experiência que deu tão certo que já se

**Jornal da Ufac - Primeiramente, eu queria que você me falasse, professor Manoel Estébio, das origens desse curso. De como foi que surgiu a idéia e quais os caminhos percorridos para implantá-lo.**

**Manoel Estébio** - O curso nasceu de uma reivindicação dessas pessoas que são alunos atualmente e de outros que ainda não ingressaram, mas que vinham sendo formados desde 1983 pela CPI [Comissão Pró-Índio do Acre] e desde 1999 pelo Governo do Estado. O poder público, a Secretaria de Estado da Educação, só passou a assumir a educação escolar indígena, ou seja, a formação de professores, com apoio mais intensivo, a partir de 1999. Dessa época até 2008, que é quando ingressou a primeira turma aqui do nosso curso, havia uma demanda altíssima e esses professores organizados em torno da Opiac [Organização dos Professores Indígenas do Acre], junto com entidades indígenas, como a CPI, a Funai [Fundação Nacional do Índio], o Cimi [Conselho Indigenista Missionário], as organizações locais das terras indígenas e, a Secretaria Estadual de Educação e a Ufac iniciaram um processo de discussão para implantar o curso. A idéia era a de que, inicialmente, o curso fosse implantado em Rio Branco, lá naquele lugar que o pessoal conhece como "espaço do Jacó" [pre-

para na criação de novas turmas, tão logo os primeiros alunos recebam o seu devido grau.

Para falar dessa experiência, o Jornal da Ufac foi até o Vale do Juruá, onde conversou durante algumas horas com o coordenador do curso, Manoel Estébio Cavalcante da Cunha, um mestre em Linguagens e Identidade abnegado pela causa das culturas e da educação indígenas. Os principais trechos dessa conversa vão transcritos nas linhas que seguem.

dio nas dependências da Ufac, construído por iniciativa do professor e antropólogo Jacó Picoli, com o intuito de ser um centro de referência de estudos sobre culturas indígenas]. Mas aí, em função de se estar construindo a "Universidade da Floresta", o curso foi trazido para cá, para o campus Floresta, em Cruzeiro do Sul. Mas o curso é, basicamente, o atendimento que a universidade faz a essa reivindicação, que é histórica do movimento indígena, dos professores indígenas.

**Jornal da Ufac - E, na prática, como é que funciona esse curso de Formação Docente para Indígenas?**

**Manoel Estébio** - O curso ocorre em dois semestres anuais modulares presenciais, aqui em Cruzeiro do Sul, com sessenta dias letivos em cada um dos módulos, desenvolvidos no campus Floresta. E, entre um módulo e o outro, tem o que a gente chama de fase intermediária, ou momento aldeia. Nesse momento aldeia, é o instante em que os docentes do curso se deslocam para fazer o acompanhamento deles lá no local onde eles moram. Eles têm disciplinas que são específicas da fase intermediária. Esse momento intermediário, na aldeia, varia entre quinze e vinte e cinco dias. Não pode ser mais nem menos do que isso, por conta de questões



Manoel Estébio, coordenador do curso de Formação Docente para Indígenas

de operacionalidade. Além de um custo muito alto, a gente entende que se passássemos mais do que vinte e cinco dias lá na aldeia, poderíamos provocar uma intervenção muito grande na vida deles.

**Jornal da Ufac - E como é que tem sido o aproveitamento desses alunos no que diz respeito às informações repassadas pelo professores do curso?**

**Manoel Estébio** - Existem alunos que tem excelente aproveitamento, que são receptivos, que aplicam os conhecimentos etc.

Mas, a gente teve uma pequena falha na seleção, por falta de equipe docente específica, naquele momento, deixando entrar alunos que não são professores, embora sejam indígenas, e alunos que não são nem indígenas nem professores. Então, nesses alunos a gente percebe um aproveitamento menor. Mas aqueles que realmente estão se formando em serviço, a receptividade é boa, além de eles ensinarem muito pra gente também. A gente que é docente aprende muito com esses alunos.

**Jornal da Ufac - E quanto à**

**expectativa para uma nova turma, Estébio?**

**Manoel Estébio** - No segundo semestre de 2012 nós faremos uma seleção para o ingresso de uma nova turma. Em princípio serão ofertadas cinquenta vagas.

**O nosso curso foi o terceiro a aderir a esse trabalho da formação específica. Mas hoje em dia são cerca de vinte e três universidades, entre estaduais e federais, e mais três ou quatro institutos federais que também ingressaram com esse tipo de formação**

Mas nós sabemos, de acordo com o sistema que gera a demanda, no caso o Estado e algumas prefeituras, que existe um quantitativo de mais de cem professores indígenas para ingressar. Então, nós já estamos prevendo mais, pelo menos, duas turmas: uma para ingressar no segundo semestre de 2012 e a outra para ingressar no primeiro semestre de 2013.

**Jornal da Ufac - A título de trabalho final, qual é a exigência do curso?**

**Manoel Estébio** - Certo. Uma coisa que ainda não falei foi sobre o tipo de formação previsto no projeto político-pedagógico. Esse projeto se dá com o desenvolvimento de uma fase comum de dois anos, onde todos estudam as mesmas disciplinas. Depois disso, numa segunda fase, eles fazem opção por uma área para a efetiva habili-

tação. As áreas são linguagem e artes, ciências sociais e humanidades e ciências da natureza. Ao final do curso, eles terão que apresentar um TCC [Trabalho de Conclusão de Curso] com tema específico da área escolhida. Só que a gente fez o seguinte: em vez de trabalhar com eles um TCC acadêmico, como eles estão se formando em serviço, a gente os orienta e incentiva que eles criem produtos que possam ser revertidos para a escola. Na área de linguagem e artes, por exemplo, dessa turma que vai se formar no próximo ano, alguns alunos escolheram produzir dicionários e cartilhas na língua nativa deles. Na área de ciências sociais e humanidades vai ter a biografia do Luis Aianawá, que era um sábio dessa etnia, recentemente falecido. Na área de ciências da natureza tem trabalho estabelecendo uma relação entre as comidas deles e as práticas de coletas e plantio tradicionais deles... Então, pelo que nós observamos, vão sair trabalhos bem interessantes. E a idéia é que esses trabalhos possam ser revertidos para as próprias escolas onde eles trabalham, pra ajudar no processo de ensino aprendizagem dos alunos deles.

**Jornal da Ufac - Pra encerrar, eu queria que você me dissesse se existem muitos cursos semelhantes a esse em outros estados brasileiros.**

**Manoel Estébio** - Quem é a precursora nessa área de formação específica para indígenas é a Unemat [Universidade do Estado do Mato Grosso]. Ela tem um campus em Barra do Bugre que veio a se tornar Universidade Indígena. A Unemat é a precursora. Depois veio a Universidade Federal de Roraima. Depois dessas duas, outras universidades federais e estaduais formataram cursos semelhantes. O nosso curso foi o terceiro a aderir a esse trabalho da formação específica. Mas hoje em dia são cerca de vinte e três universidades, entre estaduais e federais, e mais três ou quatro institutos federais que também ingressaram com esse tipo de formação. Ressaltando-se que essa formação docente é uma demanda que foi gerada a partir da nova Constituição. Isso porque, até antes disso, toda a orientação, no que diz respeito à formação escolar indígena, era para que eles ingressassem na comunhão nacional. Essa era a orientação dos militares. A nova Constituição diz que não. Para ela, a função da educação é ajudar a preservação da língua e das práticas culturais ancestrais daqueles povos que ainda a mantêm, bem como de recuperar as daqueles que as perderam.



Alunos da primeira turma do curso de Formação Docente para Indígenas

# Entre lutas, *porongas* e letras, a escola vai ao seringal

FRANCISCO DANDÃO

Uma experiência de educação com seringueiros, realizada na região do município acreano de Xapuri, entre os anos de 1981 e 2007, atendendo a uma reivindicação do Sindicato de Trabalhadores Rurais da referida cidade, num primeiro momento, e depois pela ação do Centro de Trabalhadores da Amazônia, acabou se transformando numa tese de doutorado, em 2011.

O trabalho, intitulado *Entre lutas, porongas e letras: a escola vai ao seringal - (re)colocações do Projeto Seringueiro (Xapuri/Acre - 1981/1990)*, da lavra do professor José Dourado de Souza, sob a orientação da professora Inês Assunção de Castro Teixeira, foi apresentado e aprovado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em fevereiro deste ano.

A experiência, que além de questões educacionais também contemplava atividades relacionadas à saúde e ao cooperativismo, ficou conhecida como Projeto Se-

ringueiro, sendo desenvolvida em três fases (1981 a 1990; 1991 a 2000; 2001 a 2007) e expandindo-se gradativamente dos seringais de Xapuri para a zona rural de outras cidades acreanas.

“Considerando-se vários fatores, dentre eles a vastidão do Projeto Seringueiro, optei por tratar na tese apenas as questões relacionadas com a educação, e somente o primeiro período, ficando o segundo e o terceiro para futuras pesquisas”, afirma o doutor José Dourado, sem se furtar, entretanto, a explicar no seu trabalho em que consistiram todos os períodos.

E sobre qual seria a essência da pesquisa, José Dourado não se omite em explicar, afirmando que a sua intenção ao escrever a tese foi compreender “a experiência de educação dos seringueiros, valorizando seus aspectos internos e externos, compreendendo-a enquanto movimento social, em suas lutas em defesa do meio ambiente e pela posse da terra”.

No que diz respeito à formatação da tese, José Dourado de Souza, cuja graduação e mestra-



José Dourado de Souza, doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

do ocorreram na área de História, dividiu-a em cinco capítulos: *Alumiando a estrada, com a poronga; As colocações recoloca-*

*das; As raízes, os troncos, as lutas, as letras; Os veios, as estradas de uma escola seringueira; e As mãos que condu-*

*zem a escola ao seringal.*

O trabalho completo pode ser encontrado na Biblioteca Central da Ufac.

## Educação alternativa

As primeiras ações do *Projeto de Educação dos Seringueiros* tiveram início em dezembro de 1981, Seringal Nazaré, em Xapuri (AC), com uma turma de 14 seringueiros. O propósito era alfabetizá-los e ensiná-los a fazer as quatro operações matemáticas básicas, para que eles pudessem se organizar em sindicatos e montar suas cooperativas.

Em 2007, quando as últimas escolas do projeto, em seus 26 anos de existência, foram entregues ao poder público estadual,

por volta de cem unidades escolares tinham sido instaladas e, aproximadamente, dezoito mil alunos haviam freqüentado suas escolas, com uma taxa de alfabetização em torno de 40%, ainda que muitas delas já tivessem, então, sido fechadas.

Vale ressaltar que, em nível de Brasil, as iniciativas com a educação alternativa é uma prática largamente difundida, como se pode depreender, por exemplo, das experiências em comunidades de pescadores do litoral nordestino, trabalhadores da

Erva-Mate do Mato Grosso, meninos de rua, grupos da terceira idade, trabalhadores do MST e comunidades indígenas.

“Dependendo de cada caso”, explica o professor José Dourado de Souza, “essas experiências são resultantes de iniciativas de pessoas ou entidades vinculadas ou não ao poder público estatal, mas todas sempre com o propósito de promover melhores condições de vida para essas populações. E a questão da educação dos seringueiros não foge disso”.



Escola Boa Vista, construída na terceira fase do Projeto de Educação do Seringueiros

## Pontos conclusivos da tese

FOTO: ARQUIVO CTA



Casa/Escola na colação Independência, seringal São Pedro, em 1982

A educação do Projeto Seringueiro foi concebida e gestada no contexto do Movimento Social dos Seringueiros, e como um movimento social pela educação, vinculado aos movimentos de luta pela terra e de defesa do meio ambiente. Dada a conjuntura política do período, no qual as políticas de Estado colocavam-se quase sempre contrárias aos seringueiros, estes buscavam parcerias com instituições e entidades não governamentais.

A ausência de políticas públicas e o descaso com escolas nos seringais não é algo isolado ou do momento em que se efetivou o Projeto Seringueiro, pois suas origens remontam às próprias circunstâncias da formação da sociedade dos seringais.

Para Dourado, estas constatações o ajudaram a pensar com melhor clareza o período específico da sua análise, levando em conta o contexto histórico anterior e os processos sociais.

A caracterização dos atores sociais, individuais e coletivos que interagiram no processo de constituição do Projeto Seringueiro, indicou um percurso cheio de convergências e divergências, continuidades e descontinuidades, e não apenas harmonia, linearidade e permanência. Os enfrentamentos, as contradições e as divergências estiveram muito presentes em todos os momentos do período estudado.

As escolas foram concebidas, instituídas e estruturadas a partir de uma perspectiva que tinha a comunidade como elemento norteador.